



## INTRODUÇÃO

Em princípios de 1950, puzemo -nos a observar, no Laboratório de Zoologia da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", alguns aspectos do desenvolvimento da "Sassurana" pois, como tal são conhecidas as lagartas de *Megalopyge lanata* (Stoll, 1780).

Conhecíamos o trabalho de IHERING (1914) sôbre os nossos lepidópteros cujas formas larvais possuem cerdas em conexão com glândulas produtoras de peçonha, entre as quais figura a "Sassurana", bem como os estudos de BOURQUIN (1942, 1944) versando unicamente sôbre ela, além de citações de outros autores.

Decidimos dar publicidade ás nossas observações e, da leitura da bibliografia ao nosso alcance, tecer considerações outras, além daquelas de cunho puramente biológico.

*Megalopyge lanata* possui elevada importância taxonômica, pois constitui o tipo da família *Megalopygidae*, criada por BERG em 1882.

Ao iniciar, reiteramos a nossa gratidão ao eminente entomólogo Professor Costa Lima, por ter-nos fornecido bibliofilme e, com a bondade de sempre, respondido ás nossas consultas. Também somos gratos ao Dr. R. de Tella, da Secção de Entomologia Aplicada do Instituto Agronômico de Campinas, que nos cedeu, para estudo, exemplares de *M. lanata* da coleção a seu cargo.

No estudo das plantas hospedeiras do inseto, fomos poderosamente auxiliados pelo Dr. Dalvo Mattos Dedecca, Chefe de Secção de Botânica do Instituto Agronômico, pelo que lhe agradecemos.

## NOMES VULGARES

A literatura entomológica menciona denominações populares para as larvas de *Megalopyge lanata*, sendo o termo "tatorana" atribuído, de um modo geral, a tôdas as lagartas portadoras de peçonha, compreendendo algumas famílias, inclusive de *Rhopalocera*.

GOMES DA COSTA (1944) e COSTA LIMA (1945) reservam o nome "Sassurana" para as formas larvais da espécie em estudo, que julgamos ser o mesmo "Sussuarana" registrado

por IHERING (1938). Este último vocábulo que, como os outros, é de origem tupí-guaraní, é também utilizado pela nomenclatura popular para a conhecida onça parda do Brasil — *Leopardus pardalis brasiliensis* (Oken) —, ainda bem comum nas regiões de grandes matas do Estado de São Paulo.

Em Piracicaba (Estado de São Paulo), são chamadas “tatoranas” e também “mandorovás” as lagartas de vários lepidópteros (máxime aquelas que atingem grandes dimensões), mesmo desprovidas de ornamentos epidérmicos notáveis, relacionados ou não com glândulas secretoras de líquido urticante.

As lagartas de *Megalopygidae*, *Hemileucidae*, etc., portadoras de abundantes pêlos ou outras formações esparsos pelo corpo, são mais frequentemente denominadas “bichos cabeludos” ou “bichos de fogo”. A última das expressões, que aludi aos malefícios do contacto com as cerdas urticantes, tão bem descritos por IHERING (1914), MONTE (1934) e BOURQUIN (1942), os dois últimos referindo-se a *M. lanata*, aproxima-se bem do significado etimológico da palavra “tatorana”, que nos foi legada pelo idioma indígena.

## NOTAS BIOLÓGICAS

Em abril de 1950, obtivemos um lote de lagartas de uma bela árvore de “areeiro” (*Hura crepitans* L., *Euphorbiaceae*) do parque da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Na árvore, as “Sassuranas” se concentravam em alguns galhos, naturalmente impelidas pelo instinto gregário que devem possuir, ao contrário de outros representantes da família, encontrados isolados.

Trazidas para o Laboratório, puzeram-se a nutrir perfeitamente bem e tôdas atingiram o estado adulto.

As lagartas jovens de *M. lanata* pouco diferem daquelas a termo, conforme designação por nós usada em trabalho posterior (1951), ou adultas, expressão adotada de D’ALMEIDA (1944).

Estas, ou melhor, as lagartas que já atingiram o seu último ínstar, podem, em linhas gerais, ser assim descritas: a cabeça, retrátil, que a lagarta traz sempre mais ou menos escondida, é de côr rosada escura; de igual coloração é o protórax e as patas verdadeiras.

A zona dorsal de qualquer segmento do corpo é de coloração branca. A área branca começa logo acima dos espiráculos, os quais, escuros, levemente avermelhados e deprimidos,

são circundados por uma região pleural enegrecida e deixam ver, junto de si, as chamadas "constantly everted glands".

São também escuras as zonas de união dos segmentos, de modo que o dorso da "Sassurana" nos dá a impressão de ser o corpo formado por anéis brancos e largos, separados entre si por outros, estreitos e escuros.

Os pêlos, alguns dos quais relacionados com glândulas secretoras de peçonha (cerdas), que dão á "Sassurana" um aspecto bastante interessante, mostram minúsculas farpas dirigidas para cima, somente visíveis com auxílio de lente, são escuros e chegam a atingir mais de 30 milímetros de comprimento. São tufos de pêlos longos e finos, implantados em elevações côr viva de vinho (*verrucae*).

Em cada segmento do corpo, os tufos de pêlos assim se distribuem: dois dêles situam-se, um de cada lado, sôbre os limites da área dorsal. Entre êles aparece uma depressão, de disposição transversal, relativamente longa e particularmente pronunciada nos segmentos medianos do corpo.

Tanto acima de cada estigma, como logo abaixo, insere-se outro tufo de pêlos, sendo que o situado sob o espiráculo implanta-se numa protuberância de tonalidade bem menos viva que as demais.

A face externa das patas abdominais é ornada por aglomerados de pêlos curtos e finos e a face ventral do corpo é inteiramente marrom escura.

Comprimento: 50 a 55 milímetros; largura ao nível do meio do corpo, aproximadamente 18 milímetros, medidas que fogem daquelas apresentadas por BOURQUIN (1942).

Igualmente, existem pequenas diferenças entre a descrição dêste autor, na Argentina, e a que fizemos de nossos exemplares. Isso se deve, por certo, á variações regionais, a que sempre estão sujeitos os seres vivos. Os exemplares de BOURQUIN provieram de posturas coligidas no Paraguai.

O número de ecdises estabelecido pelo citado lepidopterólogo é de 7, para as condições de seu País, no período de suas observações (temperatura entre 20 e 30 graus centígrados).

Ao se aproximar o momento da troca de pele, a lagarta se fixa á fôlha, á qual fica aderente o tegumento abandonado. A fixação da pele permite á lagarta facilmente desvencilhar-se dela.

O ciclo biológico dos megalopigídeos, em linhas gerais, assim se distribui: a fase larvária é relativamente prolongada e compreende um período de vida livre e outro no qual a lagarta se detém enclausurada, que pode ser encarado como um es-

tádio pré-ninfal; o período de ninfa é curto e a vida do adulto é tida como reduzida (em nosso Laboratório, êles pouco viveram); ao que nos consta, poucas são as notícias sôbre o tempo de incubação dos ovos. O de *Megalopyge lanata* anda por volta de 15 dias.

Terminado o período de vida larvária livre, dispendido sôbre a folhagem da planta hospedeira, a "Sassurana" elege um local para a feitura do casulo, em cujo interior deverá passar uma boa parte de sua vida.

A construção do casulo é precedida da feitura de tecidos de proteção, todos possuidores de notável resistência.

Em nosso viveiro de criação (50 x 50 x 35 centímetros), os casulos foram edificados sôbre o tecto, isoladamente ou em grupos um ao lado do outro, e também sôbre as colunas de madeira que constituíam as arestas da gaiola.

A calota esférica resultante desta atividade da "Sassurana" é, sem dúvida, admirável. Com um pouco de paciência, conseguimos que duas delas se entregassem á sua feitura sôbre uma das maiores faces de uma pequena caixa, para podermos, em qualquer momento, levá-lo para sob a objetiva da máquina fotográfica, muito embora, nestas condições, a construção não adquirisse *in totum* o mesmo aspecto de quando em superfície grandes.

A primeira parte a ser elaborada é um tecido côm de prata, a uma altura não muito aquém das extremidades dos pêlos que lhe ornamentam o corpo. Quando se trata de grupos de casulos, esta primeira capa é feita em conexão com a dos vizinhos, de modo que passa a ser um envólucro comum. A êste propósito é bastante interessante a fotografia presente no 5º. tomo da obra de COSTA LIMA (1945).

Sob êste primeiro manto, a lagarta constrói uma segunda proteção, representada por um emaranhado de fios marrons, mais ou menos espêso, no qual se observam os pêlos que posteriormente são abandonados por ela e que aparecem aflorando á superfície da calota, pois tal é a forma final da construção.

A base da calota é fortemente prêsa no local escolhido. Com efeito, os casulos ficam, finalmente, de tal modo firmes na superfície eleita, que não é fácil destacá-los com o auxílio de um objeto cortante, sem que a construção seja bastante danificada.

A "Sassurana" entrega-se á faina construtora unicamente durante a noite. No período diurno, ela permanece inativa, imóvel.

Até o 3º. ou 4º. dia de trabalho, pode-se ver a lagarta no interior da calota. Depois disso, o adensamento dos tecidos impede a visibilidade. Aparece, então, uma pequena saliência na superfície, de côr marrom, tal como um mamilo, pelo qual dar-se-á a saída do adulto.

O manto branco prateado externo não é uniforme, isto é, em alguns pontos êle sofre solução de continuidade ou torna-se menos compacto, dando origem a manchas de tonalidade marrom, devidas ao aparecimento, nesses pontos, do tecido imediatamente inferior.

Finalmente, a lagarta elabora o casulo próprio dito, agora de um tecido pardacento, fibroso e altamente resistente. BOURQUIN (1944) comparou-o a uma "nuez de Pará", pela sua forma trapezóide irregular, com arestas superiores e inferiores em ângulo agudo e aproximadamente 40 milímetros de comprimento e 20 de largura.

Este casulo já parece bastante suficiente para proteger a "Sassurana" da ação de inimigos externos. Os envoltórios seguintes são reforços poderosos, máxime o primeiro manto.

Abrindo-se uma calota, pode-se ver que a tecelagem mediana, de côr marrom, exhibe um espaço mais ou menos vazio, tal como uma excavação, com a forma de um cone, cujo vértice é o ponto mais alto do mamilo que aparece na superfície exterior e cuja base abre-se de frente de uma das extremidades do casulo interno.

Percebem-se, então, as providências tomadas instintivamente pela "Sassurana" no sentido de contar com fácil evasão para o exterior no dia da eclosão da crisálida. Movida pelo instinto, a "Sassurana" constrói aquela saída fácil, onde os tecidos são menos espessos, não havendo a ação da capa argêntea (pois o mamilo não é recoberto por ela), mas suficientemente sólidos para vedar a entrada de qualquer inimigo do meio externo.

Fazendo-se uma fenda no casulo próprio dito, lá está a lagarta com a extremidade anterior voltada para a parte do casulo que se abrirá na bôca do funil que dá acesso ao exterior.

Enclausurada, sem se alimentar, a "Sassurana" passa cerca de 3 a 6 meses, tempo que, como vemos, mostrou-se sujeito à sensíveis variações.

Concluída a calota, ela se apresenta um tanto diferente, a começar pelas dimensões menores. Perde os pêlos longos, em cujos pontos de implantação permanecem pequenos tufo de pêlos, agora curtos e macios.

Rompido o casulo, a lagarta, na mesma noite, trata de reconstruir o tecido na zona violada, tornando-o novamente íntegro. Tôdas as vezes que o casulo é violado, a "*Sassurana*" cuida da reparação, a não ser quando está muito próxima da metamorfose.

Assim, enclausurada, a "*Sassurana*" vive até o dia em que se transforma em crisálida e, cêrca de uma semana depois, havendo um caso de 30 dias justos, surge o imago.

Depois que a lagarta se transforma em crisálida, percebe-se, movendo-se o casulo, o som de alguma coisa sôlta em seu interior, o que não se verifica antes.

No dia da eclosão, a mariposa, realizando grandes esforços com a região abdominal, consegue mover-se, romper o casulo e ganhar o "funil" que a libertará, aflorando no mamilo, percorrendo, assim, talvez o único caminho que lhe permitiria atingir o meio externo.

Na noite de 17 de julho de 1950, tivemos ocasião de acompanhar o surgimento de um adulto, o qual, no interior da exúvia, movendo-se ativamente, cada vez mais se projetava para fora da calota até que surgiram as suas duas patas anteriores. Daí por diante, rãpidamente a mariposa, uma fêmea, conseguiu desvencilhar-se da exúvia e galgar o ambiente externo e, em poucos segundos, as asas se estenderam, mas permaneceu longo tempo sôbre a calota, até que elas se apresentassem perfeitamente endurecidas.

Em 19 de julho, portanto sômente dois dias após ao seu aparecimento, iniciou a postura. Na noite imediata desovou abundantemente e continuou em oviposição até o dia 27, amarecendo morta no dia seguinte.

Os ovos foram postos sôbre as paredes da gaiola, bem como na página inferior da fôlha do areeiro, fazendo-nos supor que tal seja o seu comportamento em condições naturais.

À noite, chegado o momento da postura, a fêmea se põe a realizar movimentos com o abdômen, dos quais resulta a expulsão dos ovos. Dando pequenos passos para frente, resultam fileiras de ovos.

O tempo registrado por BOURQUIN (1942) como sendo de 60 a 65 segundos, decorrente entre a expulsão de dois ovos consecutivos, mostrou-se extremamente exagerado.

Os ovos são postos um ao lado do outro, segundo a sua maior dimensão. São verdes, claros e brilhantes logo que postos; tornam-se verde amarelados depois de alguns dias. A forma é a de um cilindro, com as pontas arredondadas.

Com facilidade o cório se deforma e mesmo rompe-se, dando vazão a um vitelo verdoengo. As suas dimensões oscilam ao redor de 1,90 x 0,90 milímetros.

A fragilidade dos ovos exige a proteção que lhes dispensa a mariposa. Com efeito, as posturas de *Megalopyge lanata* são envoltas por pêlos de côr creme, provenientes da extremidade do corpo da fêmea. São fitas de mais ou menos 4 milímetros de largura, nas quais os ovos aparecem colocados transversalmente e bem envoltos.

Há uma camada de pêlos, às vezes muito reduzida, forrando a superfície onde êles foram depositados, evitando o seu contacto direto, pelo menos parcialmente. Também uma fina camada de pêlos separa os ovos entre si, de modo que êles não se encostam e, finalmente, aparece um manto espesso recobrimdo a postura de uma maneira relativamente perfeita, pois muito poucos são os ovos que aparecem sem essa proteção.

As posturas, nas quais se constatam ovos isolados e em grupos, aderem firmemente à superfície de deposição. Por outro lado, aparecem mechas de pêlos, sôltas ao sabor do vento, nas quais se pode verificar a presença de ovos. Essas mechas, contudo, fâcilmente aderem a um local qualquer e isso nos pareceu um modo pelo qual elas poderiam se salvar, na natureza, quando lhes incidisse alguma corrente de ar.

Envolvendo as posturas aparecem também pêlos escuros, procedentes de outras partes, não da extremidade final do abdômen.

De uma única fêmea obtivemos 293 ovos, em grupos de 5 a 38.

Ao lado de ovos cheios de substância vitelina, normais, apareciam outros, encarquilhados por estarem mais ou menos secos. Em alguns grupos, êsses ovos constituíam a maioria.

Acreditamos que se trata de uma parte da postura por natureza inviável. Aliás, os lotes de lagartas que temos coligido não correspondem à capacidade ovipositora de uma única fêmea; a alta porcentagem de ovos inviáveis, por nós verificada, talvez seja uma explicação dêsse fato.

A crisálida de *M. lanata*, com cerca de 30 milímetros de comprimento e 9,50 de largura, exhibe coloração geral escura, quase negra em alguns pontos do corpo. A face ventral do abdômen mostra tonalidade marrom clara.

Como bom *Heterocera*, deixa ver, com certa nitidez, os vários órgãos do futuro inseto. As fotografias que apresentamos mostram bem o aspecto da crisálida dêste curioso megalopídeo.



O tegumento é bastante mole, máxime em algumas zonas do abdômen. Uma leve pressão é suficiente para fazê-lo ceder.

Para dar saída ao imago, o tegumento se fende longitudinalmente. O fendilhamento se processa apenas na cabeça e tórax, do dorso para a região ventral. A porção abdominal não é atingida.

A fragilidade da crisálida justifica o cuidado da "*Sassurana*" na feitura do casulo e tecidos envolventes.

### PLANTAS HOSPEDEIRAS

IHERING (1914), em seu "Estudo biológico das lagartas urticantes ou tatoranas", já salientou o caso extremamente raro em Entomologia, representado pela diversidade de plantas em que podem viver as lagartas dos *Megalopygidae*. A "*Sassurana*", não fazendo exceção à regra, possui um rol de muitos vegetais, de que pode se nutrir. E, ao que nos consta, em todos êles as lagartas completam o ciclo, não ocorrendo, assim, o fato curioso observado por RIBEIRO (1948) para com *Rothschildia aurota* (Cramer) (*Saturmiidae*), cujas lagartas, embora se alimentando de algumas plantas, só conseguiram atingir o estado adulto em duas delas, dentre as experimentadas pelo autor.

Compulsando a bibliografia ao nosso alcance, tendo à frente o Catálogo do Prof. COSTA LIMA (1936), verificámos que os hospedeiros conhecidos das formas larvais de *M. lanata* se distribuem pelo menos por 14 famílias botânicas. Como praga dos *Citrus*, elas são consideradas no trabalho de FONSECA & AUTUORI (1933) e, como inimigo da videira, na publicação de RONNA (1932). HAMBLETON (1939) assinalou-as sôbre o algodoeiro.

De posse do nome vulgar de uma espécie vegetal, nem sempre se pode atinar ao menos com a família a que pertence. Mas, pensamos andar certos estabelecendo aquêlo número mínimo.

Dentre as 14 famílias, apenas existe afinidade entre duas delas: *Rosaceae* e *Leguminosae*, ambas da ordem *Rosales*, desde que a "glicínia" registrada por COSTA LIMA (1936) seja *Wisteria sinensis* Sweet, da última das famílias mencionadas.

BOURQUIN (1942, 1944) criou a "*Sassurana*" em fôlhas de laranjeira, afirmando que ela prefere as da laranjeira azêda. Nós, como dissemos, utilizamo-nos da folhagem do "areeiro" ou "uassacú", conforme o botânico HOEHNE (1939).

## INIMIGOS NATURAIS

A importante contribuição de COSTA LIMA (1949), sobre os Entomófagos Sul Americanos (Parasitas e Predadores) dos insetos nocivos à Agricultura, assinala duas espécies de *Tachinidae* (Diptera), como inimigos naturais da "Sassurana": *Phorocera* (*Parasetigena*) *platensis* Brèthes e *Zygozenilla* sp.

Nenhuma delas pudemos constatar na região de Piracicaba.

## DIMORFISMO E DICROMISMO SEXUAL

Os machos de *Megalopyge lanata*, que aliás nascem sempre em menor número dos lotes de lagartas coligidos ao acaso (nas nossas criações houve aproximadamente a relação 1 : 2), diferem consideravelmente das fêmeas, a começar pelo aspecto das antenas. Com efeito, as antenas dos machos são bem mais fortemente bipectinadas que as das fêmeas e podem ser enquadradas no tipo "plumoso", enquanto as antenas destas poderiam ser ditas "ciliadas", consoante a terminologia adotada por OSCAR MONTE (1934) em sua interessante contribuição ao conhecimento dos nossos lepidópteros que vivem sobre plantas cultivadas. A distinção entre êsses dois tipos de antenas se faz, como sabemos, unicamente de acôrdo com o tamanho dos pêlos laterais.

A diferença sexual apontada constitui característica dos representantes de *Megalopygidae*.

As duas partes do pente acham-se sempre voltadas uma contra a outra, formando entre si um ângulo de maior ou menor grandeza. As antenas das fêmeas sendo mais delicadas, em virtude de serem bem menores os pêlos laterais, nos dão a impressão de "setiformes", no exame a olho nú.

As fêmeas de *M. lanata*, cuja envergadura oscila entre 7 e 8,5 centímetros, são sempre mais robustas que os machos (envergadura por volta de 5 centímetros) e muito mais providas de pêlos do que êstes, máxime na inserção das asas anteriores, que nas fêmeas é inteiramente recoberta por abundante pubescência preta.

E' interessante o dicromismo sexual apresentado pela espécie. Os machos exibem bem mais tonalidades róseas que as fêmeas, nas quais a côr escura, quase negra, é a predominante, excessão feita para as asas que, nos dois sexos, mostram mais ou menos a mesma coloração.

Assim, a parte superior do tórax e do abdômen é praticamente negra nas mariposas do sexo feminino, enquanto os machos a exibem ornadas abundantemente de róseo claro.

A extremidade final do corpo da fêmea, de onde se originam os pêlos que recobrem as posturas, é creme mais ou menos claro. Nos machos, a extremidade final também é dessa cor, mas a área creme neste caso é bem menor.

A face superior do abdômen de *Megalopyge lanata* é ornada por faixas pretas e róseas alternadas, até o ponto em que elas encontram a zona creme terminal já referida.

As fitas róseas, nas fêmeas, são estreitas e de uma tonalidade pouco intensa. Há, pois, predomínio da tonalidade negra, a que já nos reportamos.

Nos machos, as fitas rosadas são mais largas que as escuras (em alguns machos, estas se apresentam reduzidas). Então há, aqui, franca predominância da cor rosa, a qual também aparece tingindo as asas em vários pontos.

A face inferior do corpo das fêmeas é praticamente toda negra e a dos machos mostra coloração pardacenta.

Ao nosso ver, há a notar ainda a diferença de comportamento existente entre os dois sexos. Conforme escrevemos, as eclosões das crisálidas se efetuaram tôdas à noite. Desta forma, na manhã imediata à eclosão, encontrávamos os adultos já aptos para voar, ou seja, com as asas perfeitamente endurecidas.

As fêmeas se apresentavam sempre perfeitas quanto à sua integridade e, não raro, pousadas sobre o próprio casulo de onde provieram.

Quando machos, nascidos no mesmo ambiente, apresentavam-se em precárias condições, com as asas em péssimo estado, indicando, certamente, os batimentos contra as paredes do viveiro, efetuados durante a noite.

Assim, as fêmeas nos pareceram mais calmas que os exemplares masculinos, os quais, pouco tempo depois de nascidos, sentem-se impelidos ao vôo, tal o comportamento nervoso que possuem, sem dúvida relacionado com o instinto da conservação da espécie.

Infelizmente, todos os machos que conseguimos obter se encontravam em más condições. O melhor exemplar é o que fazemos figurar nestas notas.

---

Quanto às nervuras das asas, damos a nervação de uma fêmea procedente de Piracicaba, cabendo-nos dizer que apare-

cem variações. Examinamos, por exemplo, dois indivíduos, também fêmeas, capturados em Campinas, nos quais M1 da asa posterior não nasce no mesmo ponto onde finaliza M, ao contrário do que se observa na nossa ilustração, onde elas constituem uma linha contínua.

Nos exemplares de Campinas, M1 nasce a alguma distância do ponto onde morre a nervura divisora da célula discal.

### SUMMARY

This paper is a small contribution to the knowledge of *Megalopyge lanata* (Stoll, 1780).

The caterpillars of this moth are called "Sassurana" and are very known by the fact of having the body densely covered with long hairs, among which are some setae connected with poison glands.

They damage the leaves of a large number of plants, enclosed in at least 14 botanical families, being therefore polyphagous.

*M. lanata* has a great taxonomical importance for it being the type of the family *Megalopygidae* Berg, 1882.

The Author presents some notes on the various common names used for it, on its known natural enemies and also about the biology, according to the observations made by him in the Laboratory of Zoology, of the Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz, São Paulo University, Brasil.

### LITERATURA CITADA

- BOURQUIN, F., 1942 — Metamorfosis de *Megalopyge lanata* Crm. (*Lep., Megalopygidae*). *Rev. Soc. Ent. Arg.* 11 (4): 305-316, est. XV.
- BOURQUIN, F., 1944 — Mariposas argentinas. Edi. "El Ateneo", 209 págs., numerosas fotografias.
- COSTA LIMA, A. M. da, 1936 — Terceiro Catálogo dos Insetos que vivem nas plantas do Brasil. *Dir. Est. da Prod.*, 460 págs.
- COSTA LIMA, A. M. da, 1945 — Insetos do Brasil — 5º. tomo. *Esc. Nac. de Agron.*, 379 págs., 235 figs.

- COSTA LIMA, A. M. da, 1949 — Entomófagos Sul Americanos (Parasitas e Predadores) de insetos nocivos à Agricultura. *Bol. Soc. Bras. Agron.* 11 (1) : 1-82.
- D'ALMEIDA, R. F., 1944 — Estudos biológicos sobre alguns Lepidópteros do Brasil. *Arq. Zool. Est. S. Paulo.* 4 (2) : 33-70. 3 ests.
- GOMES da COSTA, R., 1944 — Pragas das plantas cultivadas do Rio Grande do Sul. *Public. n. 103 da Sec. de Inf. e Propag. Agrícola.* 136 págs., 147 figs.
- HAMBLETON, E. J., 1939 — Notas sobre os Lepidopteros que atacam os algodoeiros no Brasil. *Arq. Inst. Biol.* 10 : 235-248.
- HOEHNE, F., 1939 — Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais. *Public. do Dep. de Bot. do Est. de S. Paulo*, 354 págs., 252 figs. e 26 ests.
- IHERING, R. v., 1914 — Estudo biológico das lagartas urticantes ou tatoranas. *Ann. Paul. Med. Cirurg.* 3 (6) : 129-139, 5 figs., ests. 7 e 8.
- IHERING, R. v., 1938 — Dicionario dos animais do Brasil. *Bol. de Agric.*, série 39a. : 193-336. Numerosas ilustrações.
- LORDELLO, L. G. E., 1951 — Contribuição ao conhecimento de alguns *Ithomiidae* brasileiros, predadores de Solanáceas (*Lep., Rhopalocera*). Entregue para publicação in *An. da Esc. Sup. de Agric. "Luiz de Queiroz"*.
- MONTE, O., 1934 — Borboletas que vivem em plantas cultivadas Separata do *Bol. de Agric., Zootec. e Veter.* 230 págs. 168 figs.
- RIBEIRO, B. L., 1948 — Contribuição para o conhecimento da bionomia de "*Rothschildia aurota*" (Cramer, 1775). (*Lep., Saturniidae*). *Rev. Bras. Biol.* 8 (1) : 127-141. 4 figs.
- RONNA, E., 1932 — Os inimigos da parreira encontrados no Estado — Profilaxia e combate. *Bol. n. 2 da Esc. de Agron. e Veter. "Eliseu Maciel"*. 19 págs.

## EXPLICAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

Figs. 1 e 2 — Asas de *Megalopyge lanata* (Stoll, 1780). Exemplar fêmea, procedente de Piracicaba. (Wladimir Fera del.)

*Estampa I*

- 1 — Lagarta a têrmo.
- 2 — A "calota" no terceiro dia de construção, vendo-se a "Sassurana" em seu interior.
- 3 e 4 — Vista lateral e de cima da calota, após o terceiro dia. O adensamento dos tecidos impede a visibilidade.
- 5 e 6 — Neste momento já apareceu o "mamilo" (m) pelo qual dar-se-á a saída do imago. Notam-se os pêlos escuros abandonados pela "Sassurana".
- 7 — Após a saída do adulto, vê-se a exúvia ninfal projetada na superfície da calota.

*Estampa II*

- 8 — Casulo aberto, mostrando a "Sassurana" em seu interior. Os tufos de pêlos, agora se apresentam curtos e macios.
- 9 — Vista de cima da calota, depois da saída do imago.
- 10 — Casulo aberto, com a crisálida em seu interior.
- 11 e 12 — Crisálida, em vista dorsal e ventral.
- 13 — Adulto fêmea.
- 14 — Adulto macho.

(Fotos de T. C. Maranhão e J. Zandoval, fotógrafos da E. S. A. "Luiz de Queiroz")







